



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

A busca por Deus no deslumbrante universo da ficção científica

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Para os estudantes, julho é um mês de férias, no qual mesmo os que trabalham têm um pouco mais de tempo livre. Pensando nisso e na tendência de usarmos essas horas de descanso diante das telas, este Caderno Fé e Cultura se debruça sobre o cinema de ficção científica. Trata-se de um gênero cinematográfico que frequentemente nos revela um pouco da nossa própria religiosidade – bem como os perigos da ideologização pelo entretenimento ou de uma religiosidade mal orientada. Trazemos uma rápida apresentação de nove filmes clássicos de ficção científica, que podem nos ajudar a perceber melhor tanto os aspectos positivos quanto os negativos deste gênero... E ajudar a aproveitar melhor nosso tempo de descanso...

A imensidão e a beleza do universo sempre atraíram os seres humanos, gerando “temor e tremor”, encanto e deslumbramento. Igualmente, os êxitos e realizações da ciência e da técnica têm despertado um sentimento ambíguo: fascínio pelo que podem fazer, medo pelas consequências de seu poder e de seu uso irresponsável. São todos sentimentos que nos conectam à divindade. O diálogo da criatura com seu Criador é sempre mediado pela percepção de Sua beleza e poder, da consciência de que Ele nos atrai inexoravelmente – mesmo quando queremos negá-Lo. Como diz o Salmo 139, 7-8: “Para onde irei longe do teu Espírito, para onde fugirei da tua face? Se subo ao céu, lá estás; se desço ao abismo, eis que ali estás também”.

Não é de se admirar, portanto, que a ficção científica, que trabalha permanentemente com as maravilhas tanto do espaço quanto da técnica, respire, de uma forma ou de outra, o sopro do divino. Não se trata de reflexões e posicionamentos confessionais. Pelo contrário, é muito frequente que essa literatura seja usada para desacreditar os valores da fé e questionar as religiões instituídas. Mas, numa ironia de

Deus, mesmo a negação da fé se torna, com frequência, o testemunho de que para Ele fomos feitos e só Nele nosso coração encontra seu repouso... Tudo é caminho rumo a Ele ou um vagar desorientado em busca justamente desse caminho.

Assim, os filmes de ficção científica, que muitas vezes se tornam grandes sucessos mundiais, nos fornecem ocasiões privilegiadas para nos darmos conta do senso religioso, do desejo profundo de Deus que habita o nosso coração e o coração de todos os demais seres humanos. Para isso, contudo, precisamos estar atentos àqueles sinais de encantamento diante do Mistério e de pedido inconfessado pela Graça que pululam nesses filmes. Além disso, é necessário reconhecer que muitas vezes esses sinais vêm embalados em ideologias antirreligiosas ou num animismo religioso *New Age*, exigindo um adequado discernimento de quem assiste a esses filmes.

São comuns, na ficção científica, as referências a uma inteligência superior, que se comunica conosco e que de alguma forma nos aguarda para um encontro e, talvez, até mesmo uma experiência de comunhão (ver, por exemplo,

neste Caderno, as apresentações dos filmes *2001: uma odisséia no espaço* e *Contato*); bem como os heróis messiânicos, dispostos a grandes sacrifícios pelo bem da humanidade (como o Neo, de *Matrix*, ou o Paul Atreides, de *Duna*); e ainda os grandes mestres iluminados que nos mostram nossa verdadeira “força” (como os jedi, de *Guerra nas estrelas*). São todas imagens que remetem a um universo religioso – e frequentemente cristão. O sucesso desses filmes se deve em grande parte ao fato de nos apresentarem, de forma ficcional, como entretenimento, profundas aspirações humanas – as mesmas que nos fizeram seguir a Cristo na Igreja.

Seria, obviamente, uma ingenuidade esperar que esses filmes nos deem respostas sérias a nossos dramas humanos ou um alinhamento catequético entre eles e a doutrina católica. Contudo, eles podem nos ajudar a perceber cada vez mais como o desejo de Deus continua, e sempre continuará, vivo no coração de todos os seres humanos.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

Duna (2021/2023)



Divulgação

Baseado nos livros de Frank Herbert (1920-1986), *Duna* se passa em um universo submetido a um Império Galático, no qual o que há de mais valioso é uma substância necessária em viagens espaciais. A história gira em torno da guerra pela posse do planeta desértico de Arrakis (Duna), único a produzir essa substância, habitado pelos Fremen, ferozes devotos que estão à espera de um Messias, que lhes trará a vitória sobre os opressores de outros planetas... Metáfora da disputa pelo petróleo no Oriente Médio durante o século XX?

Boa parte da trama, com dois filmes já lançados, está centrada em Paul Atreides, um jovem nobre que descobrirá ser o Messias esperado pelos Fremen, suas incertezas e a indecisão em corresponder às esperan-

ças de um povo subjugado, mas que deflagra um conflito universal que ceifará a vida de milhões.

Duna é uma denúncia contra o fanatismo religioso, que leva os guerreiros a se imolarem em nome do que consideram um bem maior. Fé e fanatismo irracional frequentemente se misturam nos Fremen, com resultados algumas vezes heroicos, outras vezes trágicos. Contudo, seja como for, em *Duna*, a fé se revela um dado real: algo transcendente realmente interfere na vida e na história. O fanatismo é um mal a ser evitado, mas a fé talvez mostre algo real, uma força escondida e inacessível aos incrédulos.

Não se trata aqui de discutir as ideias do autor, mas sim de constatar que a série mostra a ambiguidade da

relação do ser humano com a divindade – que pode ir do mais sublime amor à criação e ao irmão, ao mais terrível desejo de morte e destruição. Para os que creem, *Duna* é um duro questionamento: que testemunho estamos dando ao mundo? Da fé consciente dos que se descobrem amados ou do fanatismo irracional dos ressentidos?

DUNA: Parte Um / DUNA: Parte Dois

Direção: Denis Villeneuve

Roteiro: Denis Villeneuve, Jon Spaihts e Eric Roth

Atores Principais: Timothée Chalamet, Zendaya, Rebecca Ferguson e Josh Brolin.

Duração: 155 min / 166 min

Disponível: [HBO Max](#)

O doador de memórias (2014)



Divulgação

Em um futuro aparentemente utópico, Jonas vive em uma comunidade que parece perfeita, livre de guerras, doenças e pobreza. Contudo, essa sociedade é estritamente controlada, com regras rígidas para cada aspecto da vida, desde as cores das roupas até as relações interpessoais. Para manter essa utopia, as memórias do passado, tanto as ruins (como a guerra e a morte) quanto as boas (como o amor), foram apagadas da mente dos habitantes.

Apenas um homem na comunidade, o "Doador de Memórias", detém todo o conhecimento do passado, com toda a sua carga de sofrimento e humanidade. Jonas deverá ser o próximo Doador, mas se defronta com a dureza da verdade e com a possibilidade de escolha: submeter-se

a uma sociedade falsamente harmoniosa, de seres desumanizados, que não sofrem, mas também não amam de verdade; ou rebelar-se e procurar a liberdade, com toda a sua carga de sofrimento e dor, mas também aberta ao amor e à realização daquilo que é ser humano.

O filme foi considerado por alguns como uma grande parábola pró-vida, pois, nesta comunidade só aparentemente ideal, existe um rígido controle populacional, com a eutanásia dos velhos e o controle programado dos nascimentos. Outros viram nele uma crítica às religiões instituídas (representadas pelos "Anciãos" que controlam a comunidade) e uma defesa da autonomia individualista típica da modernidade.

O fato é que, numa sociedade

como a nossa, o filme denuncia a falácia de certos projetos utópicos, que acabam por negar a liberdade humana. Nos mostra a necessidade da memória e o caráter inegavelmente contraditório de todos os seres humanos. Questiona se a felicidade e a paz podem ser alcançadas à custa da verdade e da liberdade.

O DOADOR DE MEMÓRIAS (THE GIVER)

Direção: Phillip Noyce

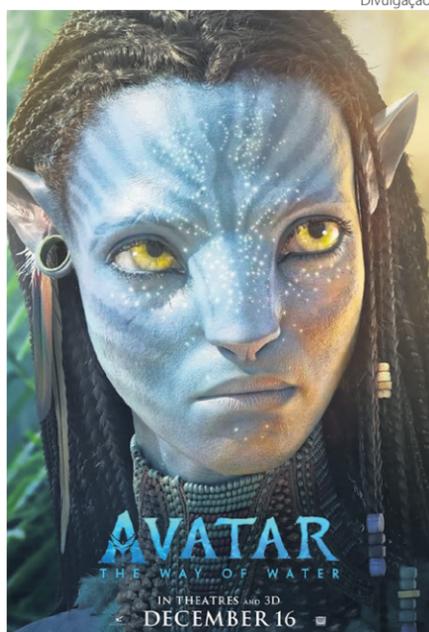
Roteiro: Michael Mitnick e Robert B. Weide

Elenco: Brenton Thwaites, Jeff Bridges, Meryl Streep e Alexander Skarsgård

Duração: 97 minutos

Disponível: [AppleTV](#) e [Prime-Vídeo](#)

Avatar (2009)



Divulgação

Uma das maiores bilheterias de todos os tempos, com Oscar de direção de arte, efeitos visuais e fotografia, *Avatar* foi a primeira produção na qual pessoas atuaram num cenário totalmente gerado por computação gráfica. Isso permitiu uma experiência imersiva, na qual o espectador parecia entrar realmente em um novo mundo, com paisagens exóticas e criaturas fantásticas: Pandora, um mundo edênico, habitado pelos Na'vi, uma tribo que vive em absoluta harmonia com seu ecossistema.

O filme pode ser visto como uma grande parábola que retoma a história real da conquista da América pelos europeus. Na história, uma corporação humana pretende explorar os recursos naturais de Pandora, exterminando seus habitantes originais.

A trama gira em torno de um soldado paraplégico que se torna um avatar, um corpo de Na'vi controlado por um humano, para se infiltrar na tribo – e que, obviamente, irá passar para o lado dos oprimidos. Em tempos de crise ambiental planetária, *Avatar* mostra a força da utopia ecológica e do mito do "bom selvagem", recorrentes em nossa sociedade.

Na sociedade moderna, existe um inegável mal-estar com a civilização ocidental. Em nenhum outro tempo e lugar, provavelmente, os seres humanos questionaram e negaram com tal veemência sua própria cultura. Uma inegável "nostalgia do Eden", o desejo de uma pureza original, perdida com o pecado original e a expulsão do paraíso, deixou de ser uma manifestação da religiosidade para se tor-

nar um estado de espírito comum a todos (afinal, quem não quer passar as férias em meio à natureza paradisíaca?). Tal é o segredo do sucesso de *Avatar*...

Uma continuação foi produzida em 2022 (*Avatar: O Caminho da Água*) e outra está programada para 2025.

AVATAR

Direção: James Cameron

Roteiro: James Cameron, Shane Salerno e Joseph Campbell

Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Stephen Lang e Michelle Rodriguez

Duração: 162 minutos

Disponível: [Disney+](#), [Amazon Prime Video](#)

Matrix (1999-2021)

Uma tetralogia aclamada pelas pretensas reflexões filosóficas e metafísicas, *Matrix* se passa em um mundo controlado por máquinas, no qual as pessoas vivem em uma realidade virtual fictícia, impossibilitadas de conhecer o verdadeiro real. Um grupo de rebeldes luta para libertar a humanidade desta “matrix”, acreditando que um predestinado irá derrotar as máquinas e restaurar a liberdade dos humanos. Quando Neo, um *hacker* comum, é recrutado pelo grupo, descobre que é o escolhido, embarcando em uma jornada para entender seus poderes especiais e salvar a humanidade.

O herói messiânico, a luta da humanidade contra uma potência tecnológica despótica e a importância da fé (seja ela qual for) são temas re-

correntes na ficção científica. *Matrix*, contudo, na época de seu lançamento, ainda que sem uma intenção explícita por parte dos realizadores, se apresentou como uma grande alegoria que permitia uma reflexão metafísica mais aprofundada. Assim, tornou-se um fenômeno cultural neste contexto atual no qual as pessoas continuam a sua busca religiosa, mas desconfiam das religiões institucionalizadas.

A pretensão filosófico-religiosa dos fãs da série levou à fundação do “matrixismo”, que se propõe na prática como uma manifestação religiosa. Como na maior parte das propostas deste tipo, procura, por meio de práticas de reflexão e meditação, despertar uma consciência interior aberta à transcendência e criar uma vivência comunitária en-

tre seus adeptos. São experiências que, na tentativa de evitar as religiões institucionalizadas, mergulham o seguidor em uma ficção pseudoreligiosa. O que poderia ser visto como um testemunho do desejo humano de transcendência, como acontece em outros filmes similares, torna-se, neste caso, uma ilusão fictícia que afasta de Cristo.

MATRIX (1999, 2003, 2004 e 2021)

Direção e roteiro: Lana e Lilly Wachowski

Elenco: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss e Hugo Weaving

Duração: 136, 138, 129 e 147 minutos

Disponível: [HBO Max](#)



Divulgação

Contato (1997)

Poucos filmes são tão explícitos no diálogo entre religião e ciência, fé e ceticismo quanto *Contato*, de R. Zemeckis, que teve a colaboração de diversos “pesos pesados” das ciências de seu tempo, como Carl Sagan, Stephen Hawking e Seth Shostak, diretor do Instituto SETI (*Search for Extraterrestrial Intelligence Institute* – Instituto de Busca de Inteligência Extraterrestre).

Um dos pontos fortes de *Contato* é justamente a possibilidade de se discutir a diferença entre a “dúvida sistemática” da ciência, que se pergunta constantemente sobre a veracidade de nossas descobertas sobre o mundo imanente, e o “ceticismo sistêmico”, que nega *a priori* a existência de qualquer verdade transcendente.

Ellie Arroway é uma cientista fascinada pela vastidão do universo e pela possibilidade de outras formas de vida existirem além da Terra. Um exemplo de cientista cética em relação a tudo aquilo que transcende o alcance de seu conhecimento científico, dedica-se incansavelmente à busca de inteligência extraterrestre. Após anos de pesquisas, detecta um sinal misterioso proveniente de uma estrela distante. Decifrando a mensagem, ela descobre o projeto para a construção de uma máquina que possibilita uma viagem para encontrar os autores da mensagem.

Diante dessa descoberta, alguns a aplaudem enquanto outros questionam a ética e as implicações da comunicação com uma inteligência extraterrestre. Após superar uma

série de dificuldades, Ellie parte em busca daqueles que enviaram a mensagem. Contudo, apesar de fazer o contato, ela não consegue provar ao mundo a sua própria experiência do encontro. Assim, o filme se abre a uma reflexão sobre o caráter íntimo e indecifrável da experiência religiosa e sua relação com o conhecimento objetivo do real.

CONTATO (CONTACT)

Diretor: Robert Zemeckis

Roteiro: James V. Hart e Michael Goldenberg

Elenco: Jodie Foster, Matthew McConaughey, Tom Skerritt e James Woods

Duração: 150 minutos

Disponível: [Amazon Prime Video](#) e [Apple TV](#)



Divulgação

Blade runner (1982)

Um *cult* da época, *Blade Runner* se tornou clássico pela ambientação sombria e decadente, que trouxe o gênero *noir* para a ficção científica. Baseado em um romance de Philip K. Dick, se passa num distópico “futuro”, em 2019, no qual a ciência conseguiu criar androides iguais aos humanos (os replicantes), programados para trabalhar como escravos em colônias fora da Terra e condenados geneticamente a uma morte prematura. A trama segue um grupo de replicantes fugitivos, que espalha terror em uma Los Angeles futurista e decadente, e sua perseguição pelo policial Rick Deckard, um “caçador de androides”.

Ao longo do filme, vai se explicitando o vazio interior das pessoas e o grito existencial dos replicantes, que

buscam simplesmente escapar à morte e àquilo que ela parece representar. São criaturas em busca de seu Criador, do qual esperam a superação de sua finitude programada. Nesse sentido, apesar de toda a sua violência, se mostram mais humanos do que os próprios humanos, que parecem ter perdido o sentido de suas vidas e apenas sobrevivem em meio a um tédio melancólico.

O título do filme (*Blade Runner*) pode ser traduzido pela expressão em português “fio da navalha” e refere-se à precisão impiedosa dos caçadores de androides, dedicados a perseguir e matar criaturas aparentemente iguais a eles próprios, mas destituídas de dignidade e direitos por sua origem “sintética”. Já o livro original tem o título *Do Androids Dream of Electric*

Sheep?, referindo-se a uma questão central do livro: os replicantes podem desenvolver emoções e consciência, dados que supostamente os diferenciariam dos humanos? Seriam capazes de “sonhar”?

Em 2007, foi lançada a versão do diretor e, em 2017, uma continuação, *Blade Runner 2049*.

BLADE RUNNER (O CAÇADOR DE ANDROIDES)

Diretor: Ridley Scott

Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples

Elenco: Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young e Edward James Olmos

Duração: 105 minutos (117 na versão do diretor)

Disponível: [Apple TV+](#)



Divulgação

Guerra nas estrelas (1977-2019)



Divulgação

O maior sucesso cinematográfico da ficção científica em todos os tempos, a série *Star Wars*, de George Lucas, já produziu 11 longas-metragens, séries e outros produtos. A saga de Lucky Skywalker, Darth Vader e os Jedi é a adaptação mais bem sucedida da jornada do herói mítico aos gostos e contextos da sociedade “pós-moderna”.

Em todas as culturas, mitos e lendas narram a história de heróis, inicialmente iguais a todos nós, sem expressão ou poder, que chamados por um destino superior, após muitos sofrimentos, realizaram feitos admiráveis pelo bem de todos. Mostram que estão inscritos em nosso coração o desejo de grandeza, a nobreza do sacrifício, o valor do dom de si pelos demais, a jornada de autodescoberta que nos revela a nós mesmos, o

apoio e a orientação de um mestre que nos mostra “a força”, a luta do pequeno oprimido contra os poderosos. Tudo isso *Star Wars* dá em profusão. Soma-se um ambiente fantástico, recheado de criaturas bizarras, fofas ou apavorantes, maravilhas tecnológicas e poderes mágicos.

A “Força”, elemento metafísico e maior fonte de poder dos personagens, tem um lado luminoso (os Jedi) e um lado sombrio (os Sith), assim como o maniqueísmo divide o mundo entre o bem (luz) e o mal (sombras). A série não tem pretensões metafísicas, mas demonstra que essa visão maniqueísta está profundamente enraizada em nossa percepção de mundo, mesmo se não concordamos com ela. É sutilmente diferente da visão cristã, na qual um

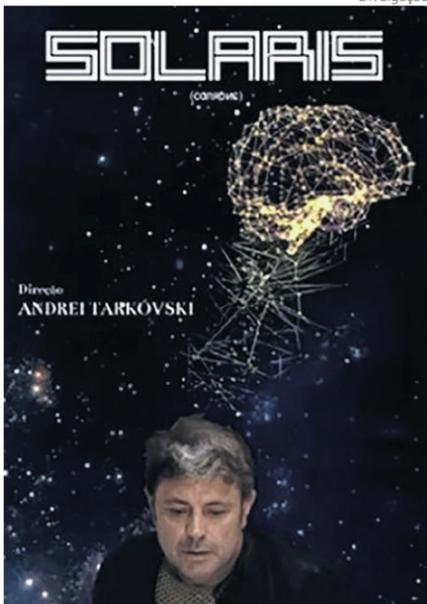
Deus de amor sempre quer o bem, ainda que o pecado se insinue permanentemente em nossa natureza contraditória.

GUERRA NAS ESTRELAS, A SÉRIE

Filmes (na cronologia da história):

A Ameaça Fantasma (1999), Ataque dos Clones (2002), A Vingança dos Sith (2005); Rogue One: Uma História Star Wars (2016); Han Solo: Uma História Star Wars (2018); Uma Nova Esperança (1977); O Império Contra-Ataca (1980); O Retorno de Jedi (1983); O Despertar da Força (2015); Os Últimos Jedi (2017); A Ascensão de Skywalker (2019)

Solaris (1972)



Divulgação

Um filme com imagens marcantes, lento e contemplativo, *Solaris*, do russo Andrei Tarkovsky, baseado no romance de Stanisław Lem, narra a missão do psicólogo Kris Kelvin, enviado à estação espacial que orbita o planeta Solaris, para avaliar o estado mental da tripulação, após uma série de eventos estranhos e mortes.

Ao chegar lá, ele se depara com um ambiente perturbador. Os cientistas restantes, cada um à sua maneira, foram impactados pelo reaparecimento de pessoas queridas já falecidas, como se criadas pelas suas memórias e desejos. O próprio Kelvin passa a experimentar esse fenômeno quando sua falecida esposa reaparece diante dele, levando-o a questionar sua própria sanidade e a

natureza da realidade, debatendo-se entre a felicidade de tê-la de volta e a estranheza de sua existência após a morte.

Uma estranha atmosfera fluida, que cerca o planeta, parece ter algo a ver com essa ambígua e trágica realização dos desejos humanos. Tema recorrente na obra de Tarkovsky, o desejo humano está intimamente vinculado à experiência da transcendência, ao encontro com algo que nos aproxima da divindade. Mas a satisfação dos desejos, ainda que possa ser nossa principal meta, nos enche de um certo pavor: quem poderá realizar aquilo que a nós mesmos parece impossível? qual o preço a pagar para realizar o impossível?

Memória, perda, amor, identidade e a natureza do real ganham um novo

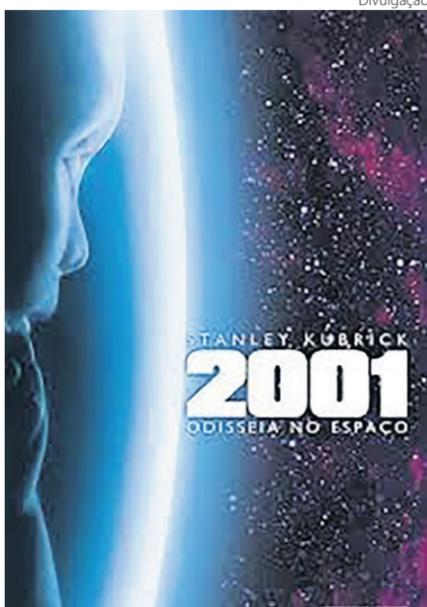
contorno diante da presença magnífica e avassaladora de Solaris, com sua atmosfera misteriosa. Tarkovsky não se propõe a uma discussão teológica sobre Deus, mas a um mergulho na natureza humana que só é possível diante do totalmente Outro, que nos revela a nós mesmos de um modo que não seríamos capazes de imaginar.

Em 2002, Steve Soderbergh fez uma versão mais leve e menos reflexiva do filme, com George Clooney.

SOLARIS (СОЛЯРИС)

Direção: Andrei Tarkovsky
Roteiro: Andrei Tarkovsky e Friedrich Gorenstein
Elenco: Donatas Banionis e Natalya Bondarchuk
Duração: 167 minutos
Disponível: [Mubi](#) e [Youtube](#)

2001: Uma Odisseia no espaço (1968)



Divulgação

No final da década de 1960, fazia sucesso a teoria de que os deuses adorados na Antiguidade eram extraterrestres que nos teriam ajudado a nos tornarmos seres inteligentes. Seguindo esse filão, Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick fizeram o cultuado *2001: Uma Odisseia no Espaço*.

O filme começa com primatas pré-históricos, em meio aos quais surge um misterioso monolito negro, que os ajuda a desenvolverem a inteligência. A seguir, pula para o ano 2000, quando um monolito semelhante é encontrado na Lua. O misterioso objeto, ao ser descoberto, envia um sinal para Júpiter. A “odisseia” é a ida a Júpiter de uma equipe de astronautas, para fazer contato com essa inteligência superior.

Porém, os coordenadores do projeto temem contar aos astronautas qual é sua verdadeira missão. Só o computador de bordo, HAL 9000, uma inteligência artificial sofisticadíssima, conhece seu objetivo. Diante de duas instruções conflitantes, servir aos astronautas e ocultar-lhes a verdade sobre sua viagem, HAL perderá sua função lógica, levando a expedição a um final trágico. Um dos astronautas, resgatado pelo criador dos monolitos, passará o resto da vida em uma espécie de apartamento, onde é observado e/ou cuidado. Após sua morte física, é renascido, agora ele também um ser superior.

Mesmo que de forma não intencional, *2001* se torna o simulacro, que poderemos considerar patético ou comovido, de uma história da salvação.

Atesta que o ser humano intui, queira ou não, que é incapaz de se fazer por si mesmo – necessita de um Outro que o faça. Sua caminhada pela história, como indivíduo e como espécie, é uma odisseia de retorno a Esse que o criou, que o deve estar esperando em algum lugar do infinito, para finalmente viverem em unidade.

2001: UMA ODISSEIA NO ESPAÇO (2001: A SPACE ODYSSEY)

Direção: Stanley Kubrick
Roteiro: Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke
Elenco: Keir Dullea, Gary Lockwood, William Sylvester e Douglas Rain
Duração: 148 minutos
Disponível: [Prime Video](#)